

## Esportes

### RIO-2016

# Despoluição da Baía em 49% AINDA É POUCO

Campeãs mundiais, as velejadoras Martine Grael e Kahena Kunze lamentam que o governador Pezão admita não alcançar meta de 80% de limpeza até os Jogos

rprado@oglobo.com.br

## RENATO MAURÍCIO PRADO



### O que será de Alonso?

Por mais que os médicos e o pessoal da McLaren e da assessoria de Fernando Alonso digam que está tudo bem, basta uma olhada nas fotos de seu atendimento, após a colisão nos testes em Barcelona, para ficar claro que a coisa foi feia. Muito feia. Lençóis estendidos, encobrinho qualquer visão mais esclarecedora, helicóptero na pista e, nele, direto para o hospital... Lembra algo? Pois é.

**N**ão estou sugerindo que o espanhol ainda corra risco de vida ou de seqüela grave. Minha dúvida relaciona-se ao futuro de sua carreira como piloto. E o motivo vem de uma longa conversa que tive, certa vez, com Nelson Piquet, no ano em que ele deu um pancadão no muro da Tamburello (onde Ayrton Senna morreria sete anos depois), e me confessou, que a partir dali nunca mais foi o mesmo. Detalhe: ainda assim conquistou, naquela temporada, o tricampeonato mundial, que acabou se tornando seu canto de cisne.

— Não tem jeito. Depois de uma porrada pra valer, qualquer piloto passa a ser um segundo mais lento (por volta). Não é medo. É físico. A desaceleração violenta chacoalha o seu cérebro dentro do crânio e alguma coisa muda. Pra pior.

Naquele já longínquo ano de 1987, acompanhei, ao vivo e "in loco", todas as provas da Fórmula-1. Era correspondente do GLOBO em Madrid e uma de minhas tarefas foi substituir o inesquecível Janos Lengyel, que falecera um ano antes.

Nelson bateu durante os treinos de classificação para o GP de San Marino, em Imola, e, no dia seguinte ao acidente, até quis correr, mas os médicos o proibiram e ele se limitou, então, a dar uma volta no circuito, guiando uma motocicleta e acenando para a multidão, para mostrar que estava bem.

Ao final da temporada, entretanto, na viagem de volta para o Brasil, que fiz de carona em seu jatinho, Piquet me contou vários detalhes de seu drama:

— Passei a ter dificuldade de concentração. E até dormir ficou difícil. E olha que sempre fui bom de cama — me disse com um sorriso maroto, enquanto eu me lembrava que, de fato, inclusive dentro do cockpit, no grid, esperando a volta de apresentação, ele já fora flagrado tirando uma soneca.

E os problemas não pararam por aí. Parte de seu atilado "feeling" na direção também se foi. Por isso, ele passou a ser obrigado a tomar cuidados que, antes, nunca fizeram parte de seu magistral e intuitivo jeito de guiar.

— Comecei a procurar as placas que indicavam a distância exata para as curvas. Antigamente, nem olhava pra elas. Era no "automático". Bastavam algumas voltas e já tinha tudo mapeado na cabeça.

Relembrando a experiência de Piquet, volto aos dias de hoje e ao acidente de Fernando Alonso. Mesmo sem títulos há oito anos (foi bicampeão em 2005 e 2006), o espanhol continua a ser considerado pelos especialistas o melhor piloto da F-1 em atividade. Algumas de suas vitórias e performances na Ferrari, mesmo com um carro nitidamente inferior, corroboram tal tese.

Mas qual será o Alonso que, saindo do hospital, retomará o volante da McLaren? Esta é a pergunta que o circo inteiro se faz neste momento. Porque a lista de pilotos que sofreram acidentes sérios e jamais foram os mesmos é longa. De Piquet a Gerhard Berger (também acidentado na Tamburello), passando pelos brasileiros Barrichello e Massa.

É esperar para ver. Mas se nos treinos pra valer e nas primeiras corridas "Don Fernando" andar atrás do novo companheiro Jensen Buton...

### Falso malandro

Mentor da política de preços baixíssimos para o Carióquina, o Vasco teve prejuízos em todos os jogos do Estadual até agora. Genial, não?

### Big star

O cachê de Nadal para jogar o Rio Open foi de 1 milhão de euros. O mesmo do ano passado.

A despoluição da Baía de Guanabara é um dos pontos mais polêmicos da programação das Olimpíadas do Rio, em 2016. Ontem, para desagrado da elite do iatismo nacional, o governador do Estado do Rio, Luiz Fernando Pezão, assegurou que o programa de despoluição para 2016 chegou a 49%. Inicialmente, a meta era de 80%, mas o governador espera a compreensão do COI, caso tal meta não seja atingida.

Entretanto, para as campeãs mundiais da classe 49erFX, Martine Grael e Kahena Kunze, que estão na Nova Zelândia desde o início do mês para competir, a taxa de despoluição citada pelo governador, após reunião com a Comissão de Avaliação do Comitê Olímpico Internacional (COI) para a Rio-2016, é inadequada.

— A gente fica bastante decepcionada em saber que os melhores do mundo estarão no Rio e terão de competir nessa água tão suja — disse, por e-mail, Kahena, que treina diariamente na baía.

Martine faz eco à parceira. — Desde 2009 sabíamos que despoluir a baía não seria fácil — enfatizou. — Demorou muito até algo começar a ser feito. Já imaginava que a baía não estaria limpa como deveria.

### UNIÃO COMPRA EQUIPAMENTOS

O secretário do Meio Ambiente, André Corrêa, alertara que os 80% não seriam atingidos. Mas Pezão elogiou os avanços.

— Se não chegarmos a 80%, o importante é que saímos de 17% para 49%. Se essa meta não for cumprida até as Olimpíadas, vai ficar como legado para a cidade — afirmou o governador.

Kahena lamenta que o assunto não tenha sido enfrentado como deveria:

— Vão tomar medidas paliativas para tentar diminuir a poluição nas raízes de competição, e depois vai ficar tudo do mesmo jeito. Vão esquecer o problema da baía e a situação vai ficar cada vez pior.

Ainda sobre a despoluição, Pezão disse que há obras previstas para o segundo semestre de 2015, de construção de estações de tratamento de esgoto para a Região Metropolitana, com parcerias público-privadas (PPPs). Ele e o ministro do Esporte, George Hilton, que assumiu o cargo mês passado, apresentaram-se ao presidente do COI, o alemão Thomas Bach.

Hilton declarou que o governo federal vai custear R\$ 100 milhões em equipamentos esportivos, como barcos, redes, obstáculos e bolas para os Jogos. Originalmente, isso caberia ao Comitê Rio-2016, através de patrocínios. ●

### Corpo a corpo

THOMAS BACH

ALEXANDRE CIOSSANO



**Confiança.** Thomas Bach acredita que o Rio será capaz de fazer uma grande edição dos Jogos Olímpicos

## 'O Rio será uma cidade muito melhor'

Presidente do COI evita criticar atrasos em obras como as do velódromo e da despoluição da Baía de Guanabara, mas avisa que não há tempo a perder

CLAUDIO NOGUEIRA  
cnsn@oglobo.com.br

Ouro por equipes na esgrima, pela então Alemanha Ocidental, em Montreal-1976, o presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), Thomas Bach, está no Rio para reuniões, esta semana, do Comitê Executivo do COI e da Comissão de Coordenação do órgão para as Olimpíadas. Ele evitou críticas e exaltou o legado do evento.

— Quando deixarmos o Rio após os Jogos, queremos poder dizer aos cariocas que eles terão uma cidade melhor e mais segura, e com um futuro melhor do que sete anos antes (escolha da sede, em 2009) — disse ele, que deve ser recebido hoje pela secretária Dilma Rousseff.

### ● A um ano e meio dos Jogos, o que preocupa?

Temos visto grandes progressos nos últimos dois meses, o que nos torna muito confiantes de que teremos grandes Jogos, embora saibamos que não se pode perder um momento sequer. Há alguns desafios e atrasos. Mas, por isso, nossa Comissão de Coordenação está

aqui para, durante três dias, trabalhar em assuntos técnicos com o Comitê Organizador e os diferentes níveis de governo. Houve eleições, há novas pessoas, e é um bom período para reunir todos e fazer ajustes.

### ● A despoluição da Baía de Guanabara é um problema?

Já tivemos um evento-teste bem organizado e sabemos que o governo trabalha na limpeza. Manteremos contato com a Federação Internacional de Iatismo e com o Comitê Rio-2016. Algum progresso foi alcançado e isso é o mais importante para os atletas.

### ● E o atraso no Velódromo?

Há atrasos e desafios, mas nada inédito. Cabe à Comissão de Coordenação solucionar essas questões técnicas.

### ● Teme protestos contra os Jogos, como contra a Copa?

Os cariocas e os brasileiros já entenderam que estes Jogos têm muito mais a ver com o legado, do qual vão ter enormes benefícios. Se 1 milhão de pessoas por dia se beneficiarem do novo sistema de transportes, se o antigo sonho do metrô de Ipanema à Barra se tornar realidade, estes são legados

muito concretos. Quando se pensa na cooperação que o Comitê Organizador tem com o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas e Médias Empresas) e que muitas pequenas empresas vão se beneficiar, que dezenas de empregos serão criados, eu penso que as pessoas entendem muito bem que estes Jogos são para elas, e estamos aqui para assegurar que seja assim. Elas poderão participar delas desde o começo até o fim, tendo entrada franca para alguns eventos esportivos. Milhões irão assistir, de graça, a maratona, triatlo, ciclismo de estrada, maratona aquática e remo, alguns dos esportes de maior prestígio.

### ● E quem estiver contra?

Numa sociedade democrática, mesmo um projeto tão bom, do qual todos podem se beneficiar, jamais terá 100% de apoio. A estes, oferecemos o diálogo. Estamos prontos para ouvir preocupações, dar respostas. É por isso que teremos reuniões com estudantes e vamos visitar clubes. ●

Há 50 anos

### Bastava querer

Mais de cem torcedores de Vasco e Fluminense foram presos por brigas fora do estádio, antes do clássico de domingo passado. Se a Justiça quisesse, bastava fichá-los e obrigá-los a passar a comparecer a uma delegacia nos dias de jogos — ficando, assim, impedidos de ir aos campos e de criar novas badernas. Foi desta forma que a Inglaterra controlou os "Hooligans". Mas num país em que o Ministro da Justiça acha normal receber os advogados dos envolvidos nos escândalos da Operação Lava Jato, dá pra ter alguma esperança de que os problemas de violência no futebol serão sanados? ●

## HA 50 ANOS

24 de fevereiro de 1965



### 'Ondine' o Fita Azul de 1965

Com 38 minutos de vantagem sobre o favorito "Stormvogel", da África do Sul, o iate norte-americano "Ondine", de Sumner Long, surpreendeu os organizadores da VII Regata Buenos Aires-Rio, conquistando a "Fita azul" do Atlântico-Sul. A sensacional chegada de "Ondine" foi possível graças à rota navegada a 250 milhas da cos-

ta, desde o arroio Chuí até a entrada da barra, não sendo plotado pela FAB desde sexta-feira. Três brasileiros integraram a tripulação vencedora, e que ainda não tem garantida a vitória, pois tem grande "handicap" aos barcos menores, que ainda têm chances depois do tempo corrigido.